

AQUÁRIO

*... soccorsi quanti sono provati dalla malattia,
dalla sofferenza e dalla solitudine...*

Cataguases, 5h16

Carlos esmigalhou o toco do cigarro com a ponta do tênis, trancou o porta-malas, contornou o carro, instalou-se no banco, bateu a porta, girou a chave de ignição. "Vamos embora", disse, tirando o pé da embreagem e calcando o acelerador. "Que Deus nos acompanhe", a mãe falou.

Os faróis desnudavam o fiapo de julho, que ainda restava encarrapichado na madrugada terminal.

Minha mãe virou isso... um caco...

Ultrapassa um ônibus empapuçado de operários.

... mirradinha, a velhice ainda não minou seus cabelos castanho-claros. Entretanto, no rosto, os destroços. A dentadura dança saliente na superfície das gengivas. A pele vincada, os olhos resignados, mais pequena parece agora que tem medo, medo da longa viagem, medo.

- Antigamente tinha mais bicicletas na rua, não é não, mãe?

- Tinha.

- Eu lembro que uma hora dessas era uma enxurrada... Até bonito de ver...

(- Lilinho, acorda. Acorda, meu filho. Não vai se atrasar...

Eu despertava com minha mãe passando a mão no meu rosto, uma mão grossa, caracachenta, cujos sulcos aprisionavam fios dos meus cabelos.

- Acorda, Lilinho, acorda.

Éramos quatro, a ninhada. O Fernando, o mais velho, ajustador-mecânico diplomado pelo Senai, trabalhava na oficina da Saco-Têxtil. A Norma, tecelã na Manufatora. Eu provava as pegadas do Fernando. O Nelson, o caçula, meu pai o adestrava...

Este, seu orgulho: os filhos todos formados. Guar-

dava vergonha da minha mãe, analfabeta, e de si mesmo, que nem farejara o ginásio. “Dou a eles o que não pude ter”, inchava-se.

Agora está morto.

Fernando está morto.

Como, de certa maneira, estamos nós todos, eu, minha mãe, Norma, Nélon.

Todos.)

O carro avança veloz pela Vila Minalda, ela resmunga, “Pra que correr tanto assim, meu filho?”

Carlos acende um cigarro.

– Será que você chaveou a porta da sala direitinho?

– Chaveei, mãe.

– E tramelou bem a porta da cozinha?

– Hum-hum.

Enterramos meu pai anteontem. Gente à beça no cemitério. Muito popular, ele. Mão-de-obra nas quermesses, revirava a cidade pelo avesso em busca de doações de agasalhos ou na campanha-do-quilo da Sociedade São Vicente de Paulo. Cabo eleitoral da situação, se esfalfava atrás de um mísero voto duvidoso.

Recebi o telegrama na firma, em São Bernardo do Campo, nenhuma surpresa. Ia acontecer, mais dia, menos dia. Pedi dispensa de uma semana, passei na pensão, joguei umas mudas de roupa no porta-malas e guiei dez horas seguidas para chegar a tempo de vê-lo enrijecido, incomodado dentro de um caixão de segunda categoria. Para ele, agora, tudo é coisa alguma. Como foi um dia para o Fernando. Como será um dia para mim: nada.

(Carlos acordou na manhã seguinte ao enterro com um facho de luz, vindo da cozinha, incidindo diretamente sobre seu rosto. Esfregou os olhos, pôs-se de pé, calçou os chinelos e deparou-se com a mãe largada numa

cadeira, ao lado do fogão-a-gás, o cotovelo apoiado na mesa, a mão esquerda sustentando a testa, tão longínqua, nem percebeu seus passos.

– Mãe...

– Ô, meu filho, te acordei?, perguntou, assustada.

– Não, mãe, eu já estava pra me levantar mesmo... O que a senhora está fazendo aí?

– Senta, Carlinho, vou passar um café pra nós...

– Preocupa não, mãe...

– Não, vou fazer... Tem uma broa aí, que sobrou do...

Ela ia dizer “do velório”. Na garganta, um sumidouro, as lágrimas rebentaram.

– Desculpa, meu filho, mas é que...

Carlos abraçou-a, *Quanto tempo!*

Afastando-a, falou, animado:

– Amanhã cedo nós vamos pra Guarapari!

– Guarapari?

– É.

– Mas...

– Não tem mais nem meios. Está decidido. Pode ir arrumando as trouxas...

– Mas, Carlinho, meu filho, quem... quem vai tomar conta do Rex?, enquanto isso?

– Ô mãe!

– Não é desculpa não, meu filho. Ele está velho... Se eu não cuida, ele morre, coitadinho...

– Bom... Vamos falar com a Norma...

– A Norma? Você não conhece sua irmã, Carlinho... Imagina!, ela se preocupar com um cachorro... Não trata nem dos filhos, Deus que me perdoe...

– Eu converso com ela, mãe, pode deixar... Agora, vamos tomar logo esse café, que eu já estou com o estômago roncando...

Rubim namorava a Norma sentado no sofá da sala, bala-píper no canto da boca, o Nelson de vigia. Engraçado, brincalhão, "bobagento", segundo meu pai, sempre procurando agradar, quitandas para mim e para o Nelson, um diadema para minha mãe, um punho novo para a bicicleta do Fernando, um corta-unhas para meu pai. "Um populista, o que ele é".

Um sábado, rodeando a hora do almoço, encostou no portão o caminhão-baú azul, com o qual puxava móveis para a Bahia, buzinou estridentemente, pulou do estribo já gritando, "Olha que nós vamos é pra praia!" Entrou em casa com o rosto afogueado, devia ter tomado umas e outras antes, abraçou efusivo meu pai, virou-se para minha mãe e disse, "Dona Nica, vamos ir pra praia, a senhora mais os meninos tudo". "Pra praia?", perguntou, atordoada com tanto espalhafato. "Marataízes!" "Quando?"; indagou meu pai, incrédulo. "Agora mesmo, minha nossa! A senhora vai, não vai, dona Nica? O senhor deixa, não deixa, seu Adalberto?" Agastado, meu pai entrincheirou-se junto ao muro de cimento. Nós, os filhos, excitados, catávamos as roupas do varal, trancávamos as janelas, embalávamos nossos trens. No meio do alarido, meu pai falou, "Por mim...", porém ninguém o ouvia. Acorriam vizinhos, "Pode. Sobe aí atrás, cabe todo mundo." Meu pai ainda gritou, "Eu fico pra tomar conta das coisas, gente", mas já o asfalto quente derretia sob o calor do nosso alubrimento.

Não mais surpreendi minha mãe tão contente.

Meu pai arrastou um ano de-mal com ela.)

Leopoldina, 5h37

Carlos acende um cigarro.

– Mãe... a senhora lembra do Rubim?

– Rubim?

– É... aquele... aquele que namorou a Norma... que levou a gente pra Marataízes...

– Ah! Lembro...

– E ele?

– Não vi mais.

– Não?

– Quem devia de saber do paradeiro dele era... era seu pai... ele que vivia batendo perna por aí... Seu pai...

– Ah, vai recomeçar, mãe?

– Você não tem sentimento, Carlinho...

– Claro que tenho... Mas... chega...

– Não sei quem você puxou, Carlinho... Tão diferente... esquisito...

– Vai ver sou enjeitado...

– Pára com isso... Que coisa mais sem graça! Ônibus apinhados descem ligeiro a Rio-Bahia.

Vão para onde?

Vão para onde?

Vão para o Rio de Janeiro.

Vão para São Paulo.

Não voltam mais. Nunca mais.

– Mãe, a senhora... a senhora foi feliz com... com meu pai?

Pareceu-me que dormia. A cabeça ligeiramente curvada para a frente, a boca entreaberta, os olhos sucumbidos pela olheira escavada, a respiração contida. Mas, não. Subitamente, ergueu o pescoço e demorou-se na paisagem que pouco a pouco o sol adivinhava em meio à cerração,

uma cerca de fazenda, os moirões caiados de branco
bois sonolentos repisando o pasto

um menino de cócoras no quintal de uma casinha de sapé, lá longe

um anu equilibrando-se num pé-de-pau
 um corguinho
 a fumáça esbranquiçada de uma chaminé
 um andarilho

– Isso é pergunta que se faça, meu filho?, disse, impaciente. Claro que fui feliz. Um homem bom, seu pai... Certo, tinha seus defeitos... é verdade... Manias... Mas quem não tem?

(Eu apertava as orelhas com as mãos, punha o trabesseiro sobre a cabeça, enfiava-me debaixo da cobertura, mas nada tolhia-me de ouvir os berros. Levantava-me e via o Fernando, impassível, perfilado junto à parede que dividia os quartos. "Vamos lá, Fernando, vamos separar eles", mas meu irmão mantinha-se hirtto, como que hipnotizado pela confusão. A Norma, que dormia no sofá da sala, gritava, gritava, numa tentativa absurda de abafar a balbúrdia. Então, eu pegava o Nelson no colo e, dando voltas em torno de mim mesmo, ninava-o, sussurrando o que me viesse à cabeça, para ver se estancava seu choro.

De manhã, minha mãe, sem jeito, disfarçava o braço roxo, o olho roxo, a perna roxa, o corpo moído, "Bati na porta", "Bati na quina da mesa", "É essa lavação de roupa... essa friagem... que me deixa assim..."

Uma noite, cheguei da rua, guardei a bicicleta na varanda, entrei pé-ante-pé e me deitei. Todos ressoavam, menos meu pai, zanzando pelos becos da cidade. Tinha passado por uma madorna, quando acordei esbaforido com os urros. Pulei da cama, murmurei, entredentes, "Prá mim, chega!" Abri a porta do cômodo deles, arranquei meu pai de cima da minha mãe, encarei seus olhos esbugalhados e disse: "Bate em mim, seu filho-da-puta!". Minha mãe gritou, "Não, pelo amor

de deus, Carlinho, você mata seu pai de desgosto". Continuei: "Vem, seu desgraçado, bate em mim!". Meu pai falou: "Seu merda!, nem saiu dos cueiros, vai ver o que é bom pra tosse". E avançou com o corrião na mão. Quando ele estava ao meu alcance, desfechei um murro, que acertou em cheio a sua testa. Ele caiu no chão debatendo-se, fingindo que estava tendo um troço. "Ai, Nica, que esse menino me mata... Ai, Nica, meu coração... Ai, ai, que eu morro!". Minha mãe agachou-se, desesperada, tomou-o nos braços, falou, "Viu o que você fez? Ai meu deus!, chama a assistência!, pelo amor de deus!, chama a assistência!")

Minha mãe nunca engoliu o fato de eu ter me rebelado contra meu pai, de ter evidenciado a sua ignorância, a sua hipocrisia, as suas mentiras, de ter desvelado o quanto todos nós éramos cúmplices de sua vida torta, de sua piedade de ocasião, de seu moralismo amorfo. Ela nunca me perdoou por ter rompido com a família, por ter escapulado da mediocridade, por ter me recusado a carregar o quinhão que ela achava que me cabia naquele fardo. Queria que eu tivesse permanecido ali, sob suas asas, para sempre, como meus irmãos, comendo de sua mão, aninhados à sombra daquela tragédia que contaminava a todos.

– E você, Carlinho... Você que largou tudo e foi embora... Você conseguiu?, conseguiu ser feliz?

Carlos acende um cigarro.

Laranjal, 6h03

– Se talvez você não fosse tão cabeça-dura... Se tivesse casado com a Vânia...

– Com a Vânia?

– É. Depois que você foi embora, coitadinha, ela ia quase todo dia lá em casa, depois que largava da fábri-

ca. Ela tinha uma mobilete, lembra? Dava duas horas, eu já preparava um café fresquinho, uma bolo-dê-fubá, porque sabia que daí a pouco ela é-vinha chegando. Punha uma cadeira perto do tanque, e, enquanto eu enxaguava as roupas, ela danava a falar. E chorava, a coitadinha, chorava de dar dó. Ela nunca entendeu a maldade que você fez com ela.

– Maldade? Eu não fiz nada, mãe...

– Ela achava que você ia voltar e pedir ela em casamento...

– Isso era lá da cabeça dela. Nunca prometi nada... Além do quê, quando voltei, ela já estava casada, tinha filho e tudo...

– No que fez muito bem... O marido dela é berganhista, acho que de bebida... não sei... Ela tem três filhos, mora numa casa enorme lá na Vila... tem carro... está bonita. Mais bonita que em-antes... Já saiu até retrato dela no jornal...

– Pois é... Se tivesse casado comigo... seria mais uma infeliz...

– Ela não podia ficar a vida inteira te esperando, Carlinho...

– Se ela gostasse de mim de verdade...

– Ninguém espera a vida toda...

(Tia Assunta me chamou no quarto, estendeu os braços, falou, "Dá uma olhada nessas coisas aí... Vê se alguma te interessá... Você, que gosta de velharias...")

Ela estava arrumando para se mudar. Não queria permanecer mais no sítio. Depois que o tio Orlando foi assassinado por um empregado, as lembranças chicotavam suas noites.

No chão, uma montoeira de quinquilharias: dois pesados pratos de porcelana inglesa, da época dos meus

avós, fraturados pelo uso; dezenas de santinhos, em português e italiano; um quadro de Santo Antônio de Pádua; uma caixinha de costura vazia; um pequeno baú; um isqueiro níquelado; um ferro-de-brasa; uma cumbuca; uma espiriteira; um mancebo rachado; uma caixa de chapéu amassada; um punhal; um retrato, colorido à mão: empertigado dentro de um terno preto, cabelos negros gomalinados, fartos bigodes, os olhos verdes, tristíssimos.

Tia Assunta voltou, disse, "Vou dar um fim nisso tudo... O que você quiser levar, leva..." Limpei a poeira que se tinha acumulado na moldura, perguntei, "Quem é esse, tia?" Nervosa, enrubescida, falou, "Menos isso, Lilinho, menos isso...", me tomando o retrato e escondendo-o debaixo de uma pilha de lençóis, fronhas e cobertas cuidadosamente dobrados dentro do guarda-roupa. "Menos isso...")

(Ângelo Chiesa apeou junto à porteira, respirou fundo, abriu-a e caminhou devagar, puxando o cavalo pelo cabresto. Era uma tarde de sol quente, sábado de fevereiro, e ele suava o terno preto. Quando aproximou-se do paiol, viu um moleque brincando em cima de um carro-de-boi arriado, disse, "Menino, vai lá chamar o seu pai. Fala pra ele que é o Ângelo Chiesa que está aqui pra falar com ele". A poeira da estrada enevoara seus sapatos novos, que lhe ardiam os pés escalavrados. Ao chegar no terreiro, em frente à casa, foi cercado pelos rapazes Finetto. "Quê que você está fazendo aqui, Ângelo?" "Preciso ter uma palestra com seu pai..." "Pode falar com a gente mesmo." "Não... É conversa de homem... Tem que ser com seu Beppo." O velho desceu a escada, os olhos castanho-claros entrefechados, disse, "Você até que é corajoso para um Chiesa. O que você quer?" Ânge-

lo olhou para o pau-de-fumo, tomou fôlego, muito tarde para recuar,

o grunhido dos porcos no chiqueiro,
o vento que vergasta os eucaliptos,
uma maritaca que rasga a seda azul do céu com seu canto áspero)

Carlos acende um cigarro.

– Mas... mãe... o Ângelo... o Ângelo não ficou esperando a senhora a vida toda?

Ela se ajeitou no banco, comprimiu uma mão na outra, cerrou a fronte.

– Quem? De quem você está falando?

– Ângelo. Ângelo Chiesa.

– Não... não é possível! Pára esse carro, Carlinho!, pára que eu vou descer agora! Pára!

– Calma, mãe...

– Pára! Eu estou mandando! Não é possível! Bem que seu pai falava, que Deus o tenha em bom lugar!, que você nasceu pra dar desgosto pros outros... Não tem sentimento... Que você é mau... Como pode ter alguém tão ruim assim, meu Deus? Como pode? Você tem prazer em ficar espicaçando com os outros? Tem? Não conheço o meu filho... o meu próprio filho... Você devia ter pelo menos consideração com a memória do seu pai, que ainda nem esfriou direito... Pelo menos isso... Pra que me atazanar a vida, meu filho? Você não tem respeito por ninguém... Nunca teve... Não sei de quem é a culpa... Deve ser minha mesmo, que não te eduquei direito... Mas eu fiz o possível... Deus que está lá em cima é testemunha... Eu não merecia isso de você... Não merecia...

Muriaé, 6h47

Minha mãe acalmou-se aos poucos. Já não chorava mais. Suas mãos secas agarravam-se tensas à maçaneta

da porta. Seus olhos argüíam a paisagem que escapava em sentido contrário. Entrei no pátio de terra batida de um posto, estacionei, falei, “Vou no mictório... Se a senhora quiser tomar uma água... um café...” Demorei-me no banheiro. Ao sair, ela não estava mais no carro. Busquei-a em volta e nada. Acendi um cigarro. *O que fazer?* Estiquei as pernas e os braços, aguardei, desisti. Encostei no balcão, pedi um café, um maço de cigarros, sentei-me numa mesinha próximo à entrada. Depositei o copo no tampo de madeira e vislumbrei-a de pé, sonambúlica, perto da bomba de gasolina, o estalido agudo dos caminhões que cortavam a rodovia em alta velocidade. Aproximei-me sorrateiro, esmigalhei o toco do cigarro com a ponta do tênis, disse, “Mãe, a senhora não quer tomar uma água?, um café?”

– Até hoje lembro dele...

A voz combalida.

– Mãe...

– Eu tinha quinze pra dezesseis anos... Ele tinha uns vinte... Nunca chegamos nem a pôr a mão na mão um do outro... Só os olhos... Conversas atravessadas na missa dos domingos... Um encontro por acaso na Assunta... Nada... Mas, como estávamos apaixonados! Eu ia estalar fumo... só conseguia pensar nele... Pensava nele no almoço... na janta... na hora de dormir... na hora de acordar... na igreja... no meio do pasto... Ele falou um dia que ia pedir a minha mão em casamento e que, se o papai não consentisse, ele não casava com mais ninguém... O papai era um homem bom... Mas opiniúdo... Tinha lá umas desavenças com os Chiesa... Escorraçou ele da fazenda... Ele foi embora pro Rio de Janeiro... Nunca mais vi... Nunca mais... Meu Deus, quanto sofrimento!, quanto sofrimento!

– Mas, mãe... ele... ele cumpriu a promessa? Não casou com mais ninguém?

Minha mãe mordeu o lábio inferior, limpou as lágrimas com as costas das mãos, disse:

– Seis meses depois que ele foi pro Rio de Janeiro, ele vestiu a roupa que tinha usado pra me pedir em casamento, tirou um retrato, despachou pra Assunta, pedindo pra que ela guardasse pra mim... e...

– E...

– Ele...

– O quê que aconteceu, mãe?

– Ele... ele... meu Deus! Ele... se jogou... ele se jogou debaixo de um trem... Meu Deus! Meu querido! Meu querido!

Eugenópolis, 7h47

Meu casamento durou dois anos, onze meses e vinte e seis dias.

Seu Domingos, meu chefe na firma de autopeças em Santo André, um espanhol formidável. Um ditador para com os subordinados, dentro da empresa; um pai, fora dela. Festeiro, gostava de patrocinar longos churrascos em sua casa, na Vila Homero Thon, nos fins de semana. Encontros que vicejavam no sábado pela manhã e atropelavam a madrugada de domingo. Sempre me convidava, querendo me entrosar com a turma, com a cidade, mas eu arranjava desculpas várias. Evitava amizades, almejava estar sozinho. Nas folgas, pegava o trem e me mandava para São Paulo, andar sem rumo, a Praça da Sé, a Praça da República, o Viaduto do Chá, o Viaduto Santa Ifigênia, o Vale do Anhangabaú, o Brás, o Museu do Ipiranga, o Zoológico, a Avenida Paulista.

Um dia, cedi, para satisfazer a seu Domingos. Ele tinha cinco filhos: os três homens trabalhavam na Ford

e moravam em São Bernardo do Campo; uma filha era casada com um oficial da Aeronáutica em São José dos Campos; a outra, solteira, Mariana, uma espanholinha brava, que já tinha concluído o normal e dava aulas numa escola nas redondezas.

Seu Domingos me escolheu para ser o marido dela. Incentivava que saíssemos juntos (“Tem um parque de diversões...” “Por que vocês não aproveitam a tarde, tão bonita!, e vão...” “Dizem que abriram um barzinho... daqui ó...” “Mariana, leva o Carlos lá no Parque do Pedroso...” “Carlos, a Mariana nunca andou de metrô...”), elogiava-me para ela, gabava-se dela para mim, falava de um terreno no Parque João Ramalho, o dote da filha...

Eu não tinha tenção de me casar com Mariana, mas seu Domingos era tão bom, tão agradável, tão envolvente... que fiquei constrangido em decepcioná-lo.

Noivamos por um ano, a conta de comprar o enxoval e levantar as paredes da casa.

Seu Domingos fez questão de que trocássemos as alianças na Igreja do Carmo, a principal da cidade. Estava esfuziante. Encomendou dúzias e dúzias de flores, contratou um coral, comprou terno novo para ele e um vestido longo e um par de sapatos-de-salto-alto para dona Matilde. Só estranhou que não viesse nenhum parente meu de Minas, mas compreendeu quando lhe disse que meus pais já haviam falecido e que minha única irmã, coitada, carregava um problema sério de coluna, não podia viajar, quase morria, uma pena.

Eu queria deslembrar minha história. Pensava desmanchar as paredes do meu passado e fundar meu presente sobre novos alicerces. Bobagem! Bastaram os primeiros meses com Mariana para perceber que nada restaria, no após.

Mariana era vivaz, ambiciosa, determinada, dura. Pretendia abraçar o mundo, enquanto eu ansiava apenas a consumação dos meus dias sempre iguais.

Ela havia puxado ao pai: adorava receber os parentes e amigos, a casa sempre cheia, pois precisava de plateia para desfilas suas opiniões definitivas.

E cobrava de mim mais vigor, mais ousadia, mais garra, mais pulso-firme, mais força de vontade.

“Vamos comprar um aparelho-de-som no mês que vem.”

“Vamos trocar o piso da cozinha.”

“Tem que ser ‘aquele’ carrinho-de-bebê.”

“Vai se chamar Domingos Herrera Neto, se for homem, ou Rosália, que era o nome da minha avó, se for mulher.”

“Neste fim de semana, pega uma enxada emprestada e capina o mato aí do quintal.”

Dia a dia, descobria que era um estorvo para ela. Mariana precisava de ter a seu lado alguém que entendesse a vida como um empreendimento, não eu, que me surpreendia só em saber que meu coração ainda pulsava.

Um domingo, após mais um dos infundáveis churrascos na casa do seu Domingos, acordei, olhei para a Mariana, tão jovem, tão bonita, e decidi dar uma outra chance a ela. Era justo que ela perdesse os melhores anos de sua juventude por conta da minha absoluta inaptidão para as coisas do mundo? Não seria melhor para todos que ela pudesse tentar novamente?, encontrar um parceiro ideal, que a compreendesse, que se dispusesse a entrelaçar seus dedos aos dela e, quem sabe aí, formar uma tenda que os apartasse das intempéries. E eu? O que fazia ali?, perdido no meio de Santo André numa sala-dois-quartos-cozinha-banheiro-um-puxadinho-no-

quintal? O menino que dormia sereno no bercinho me reconheceria como pai? Admiraria em mim o que a mãe dele detestava?

Mariana enrolada numa manta, nos braços recém-paridos da dona Matilde.

Mariana deitada de bruços, virgem de dentes.

Mariana recebendo as águas do batismo.

Mariana chupando bico, segurando um velocípede.

Mariana de cigana. De odalisca. De índia. Mariana.

Mariana fazendo a primeira comunhão. Mariana de anjinho.

Mariana andando de bicicleta.

Mariana de biquíni numa cachoeira.

Mariana com o pai, a mãe, os três irmãos e a irmã num churrasco no quintal da casa da Vila Homero Thon.

Mariana num baile.

Mariana em Santos. No bondinho do Pão de Açúcar, no Rio de Janeiro.

Mariana e Carlos recebendo as bênçãos do padre.

Mariana grávida.

Mariana com Domingos Herrera Neto no colo.

Mariana.

Levantei-me, peguei o trem e a noite assustou-se comigo, bêbado, desbaratado sobre uma mesinha de bar na Avenida Rio Branco, em São Paulo.

– E seu filho?

– Heim?

Itaperuna, 8h35

– Domingos? É Domingos, o nome dele?

– É, Domingos.

– Quantos anos ele deve ter agora?

– Dezesete... Não, dezoito.

- Você nunca mais viu ele?
 - Não.
 - E você... não sente... remorso?
 - Remorso?
 - Por que você não procurou mais ela?, a sua mulher?
 - Pra quê? Pra ela falar, Esse é o seu pai, Domingos, e ele me olhar desconfiado, me pedir pra explicar por que mesmo foi que eu abandonei ele, a mãe dele... Não... Talvez tenha sido melhor assim...
 - Você... você gostava dela?
 - Não sei... Acho que gostava... Não sei...
 - Ela era bonita?
 - Uma espanholinha linda! Quando ela amarrava o cabelo num rabo-de-cavalo! Ela tinha um pescoço tão... tão gracioso...
 - Então... por quê que você se separou dela?
- Carlos acende um cigarro.
- A senhora não ia entender, mãe...
 - Não tenha segredos com sua mãe, Carlinho!
 - É que... no fundo, no fundo... eu tinha medo, mãe... medo assim... de acabar... como a senhora... e o pai... Eu não queria isso pra mim, mãe... A Mariana... A Mariana não merecia isso...

Nica resmungou, disse que estava com fome, se não podiam parar para comer qualquer coisa. Carlos estacionou num posto, mandou completar o tanque, entraram no bar, pediu dois copos de café-com-leite e dois pães-na-chapa.

Bom Jesus do Itabapoana, 9h32

(Eu estava jogando totó quando o Fernando coleou para dentro do botequim, segurou-me pelos cabelos, arrastou-me até o passeio, deu-me um chute na bunda, um tapa na orelha. "Aquilo não é lugar de gente honesta!",

bradava meu pai. "Aquilo é lugar de puta e de vagabundo!", gritava, aplaudindo o propósito do meu irmão.

E frequentava as mulheres-damas da Ilha no dia do pagamento. E carteava a-valer na Vila Reis. E se emborrachava todos os sábados, domingos e feriados. E passava a mão no meio das pernas das moças que trabalhavam com ele na fábrica.

Fernando era como meu pai: altruísta. Líder de um grupo de jovens. Catequista. Ajudava a bater laje nos loteamentos nascentes da cidade. No dia de São Cosme e Damião distribuía sacolinhas de balas e doces para as crianças. Arrecadava presentes para o Natal dos Pobres. Organizava peladas para a molecada do bairro.

E bebia escondido do meu pai. E jogava sinuca a-dinheiro no Bar Elite. E fiscalizava o comprimento da minissaia da Norma. E atalaiava com quem ela paquerava na Praça Rui Barbosa. E rasgava os retratos de artistas que ela colecionava. E batia nela.

Fernando cortou o ônibus, parado no ponto para pegar passageiros, e deparou-se com uma jamanta MB 1924 do Rodoviário Mineiro.

Os espelhos de sua monark vermelha espatifaram-se contra os paralelepípedos.

Fernando tinha vinte e quatro anos,

ia se casar em breve,

já tinha até dado entrada com a papelada no cartório.)

Uma família, eis tudo o que não fomos.

Bom Jesus do Norte, 9h35

Carlos acende um cigarro.

- Mãe, a senhora lembra daquela torta de biscoito-maria?

- Lembro...

– Depois que o Fernando morreu a senhora nunca mais fez...

– Desgostei...

– Mas, mãe, o Fernando não era seu único filho...

– Mas é ele que se lambuzava todo, de tanto que apreciava...

– A senhora ainda sabe a receita?

– Sei não...

– Quando a gente voltar, a senhora faz pra mim?

uma vez papai bateu na porta da tulha porque quando casei com o adalberto a gente não tinha nem onde morar então papai falou que emprestava a tulha pra gente se esconder da chuva e do sol e foi lá que nasceu o fernando no meio da palha seca de noite eu ficava vigiando pra espantar os ratos os ratos podiam morder o coitadinho uma vez papai bateu na porta da tulha era de manhã cedinho o adalberto tinha acabado de sair pra roçar o pasto o papai falou naquele português esgrouvinhado filha vim aqui despedir de você que é a minha filha adorada que me compreende despedir? é eu vou embora nica não agüento mais a rabugice da sua mãe brigou com a mamãe de novo? é aquelas implicâncias dela vi o papai montar no cavalo os olhos vermelhos e sair a galope na direção de rodeiro comecei a chorar fui lá dentro de casa a mamãe estava calmamente assando um bolo mamãe o papai foi embora? e ela em italiano foi na rua fazer o armazém de tarde ele volta depois que os meninos comeram o angu-com-leite papai chegou apeou do cavalo cabeça baixa olhou pra mim envergonhado e entrou na sala arrastando a botina papai gostava muito de mim era severo não me deixou estudar você não vai precisar disso não nica pra lavourar tem que saber é lidar com enxada não com lápis mas era eu que contava e guardava o di-

nheiro dele era a mim que ele recorria quando estava triste ou tinha que tomar uma decisão importante o meu casamento foi o único em que ele soltou foguete

– Sabe que eu lembro direitinho da vovó, mãe?

– Lembra?

– Como se fosse hoje.

– Mas você era tão criança quando ela morreu...

– Nem tanto, mãe... eu tinha uns catorze, quinze anos... Quando ela acordava, passava um tempão penteando os cabelos pra fazer um coque...

– Você lembra disso?

– E lembro também que ela só usava vestido preto. Era luto?

– Não sei... Até onde vejo, desde sempre ela só vestiu preto...

– Ela não falava nada em português, mãe?

– Nada, coitada... Nunca aprendeu... Nem uma palavra...

– A senhora sabe italiano?

– Ih, já esqueci...

– Mas a senhora sabia?

– Em criança...

– Não lembra mais nada?

– Só a reza...

– A reza a senhora lembra?

– Lembro... O Dio, Padre buono e misericórdioso...

– Coitada da vovó... Do quê que ela morreu?

– Solidão.

– Solidão? Ninguém morre de solidão, mãe...

– Ela morreu. Depois que venderam o resto da fazenda, ela ficou pulando de casa em casa... Até com a gente ela passou um ano... Mas não conseguia conversar com ninguém. Ninguém mais sabia italiano. Os fi-

lhos não tinham paciência de puxar pela memória... Os netos remedavam ela... Passava tempos sem abrir a boca. Até que começou a secar, secar... Um dia acharam ela murchinha, de bruços, na cama...

Apiacá, 9h48

(Cinco anos depois, tomei um ônibus na Rodoviária da Luz, desembarquei em Leopoldina, peguei outro para Cataguases, cheguei em casa umas oito horas da manhã. Sem avisar, entrei pela cozinha, meu pai me viu, virou as costas, gritou, "Nica, seu filho de São Paulo está aí". Coloquei minhas coisas sobre o vermelhão da sala, sentei na poltrona, arranquei os sapatos. Minha mãe aproximou-se, arrumando o cabelo por debaixo do lenço, uma vassoura-de-pêlo na mão, "Meu filho, quanto tempo! Chegou agora? Deve de estar cansado... Quer comer alguma coisa?" Levantei-me, apertei sua mão, "Tudo bom, mãe?" "Tudo, meu filho, e lá em São Paulo?" "Tudo bem, graças a deus". Abri a bolsa, "Trouxe uns presentinhos..." "Não precisava, meu filho." Tirei uma televisãozinha, um postal de Aparecida do Norte como tela, ao fundo, e uma imagem minúscula de Nossa Senhora à frente, entreguei a ela, disse, "Tem uma luzinha aí... É só ligar na tomada que acende..." Ela pegou o mimo, colocou-o dentro da cristaleira. "E o Nelson, mãe?" "Casou." "Casou? Trouxe uma flâmula do Palmeiras pra ele. Em São Paulo ele era Palmeiras... Será que ele ainda torce pro Palmeiras?" Minha mãe fez um muxoxo. "E a Norma?" "A Norma? Você não vai mais reconhecer ela, meu filho..." "Por quê, mãe?" "Ela está... tão... tão... diferente... Não é mais aquela não..." "Virou puta", meu pai falou, saindo do quarto. "Adalberto!" "Putá sim, é mentira? Está falada na cidade inteira... Puta! Puta!" Peguei uma gar-

rafa de vinho, cuidadosamente embrulhada num papel-celofane amarelo, disse, "Isso é pro senhor, pai." Ele olhou para mim, com desprezo, disse, "Enfia no cu, seu merda!", e desapareceu porta afora.)

– Mãe, a senhora acha que a Norma é feliz?

– A Norma?

– É.

– Imagina, meu filho... Levar a vida que ela leva...

– Anteontem eu vi ela lá... no enterro... bem vestida... remoçada...

– Às custas do nome da família...

– Que nome, mãe? Finetto? Silva? Que nome? Desde quando temos nome?

– Os Finetto são pessoas de bem...

– De bem? A cidade inteira sabia que uma Finetto apanhava de um Silva...

– Carlinho!

– É mentira? Os vizinhos sabiam, a família da senhora sabia, a família dele sabia... Todos sabiam...

– Isso é covardia, Carlinho... Fazer isso com sua própria mãe...

– Desculpa, mãe... Nós estávamos falando é da Norma... Eu admiro ela...

– Admira o quê, meu filho? Ela andar com homens casados... pais de família...

– Isso não é problema dela. Eu admiro. Ela não se conformou...

– Agora virou amante de um médico... A cidade inteira só fala nisso...

– Mas ela parece ser feliz...

– Nunca teve juízo...

– O marido dela não liga...

– É pior do que ela...

– Ele sabe?

– Só se fosse cego... e surdo... É um tonto... Quantos anos essa menina anda errada! Quantos anos!

– Mas pelo menos agora parece que ela achou alguém que gosta dela...

– Gosta? Gosta nada... Se gostasse... mesmo... Por quê que ele não larga a família e fica com ela? Sabe por quê? Porque no fundo... ele quer é aproveitar dela...

Cachoeiro do Itapemirim, 11h19

Paramos numa churrascaria. Minha mãe necessitava ir ao toalete. Tomei uma garrafa de água-mineral-côgás, despejei uma dose de conhaque numa xícara de café, acendi um cigarro, estiquei os braços e as pernas.

(Norma, sempre muito bonita. “Ela me puxou. É a minha cara quando menina.” Casou-se com dezessete anos, menos por gostar do Alfredo, contra-mestre da Industrial, que para fugir das carraspanas do meu pai, do autoritarismo do Fernando, das chantagens da minha mãe. Em menos de dois anos, namorou, noivou e se mudou para o Ibrahim.

Alfredo era centroavante do Operário. Calado, sistemático, nunca falava sobre o que não sabia, nunca metia a colher onde não era chamado.

Norma era esforçada. Depois de casada, e mesmo tendo de candeiar três filhos, fez curso de secretária no Senac e foi trabalhar com um médico. Envolveu-se com ele, a mulher descobriu, aprontou um escândalo, execrou-a a cidade inteira. Passou uns tempos pulando de consultório em consultório, até ser contratada por outro médico, esse, dono de prestígio, votos e dinheiro, e emaranhar-se nele. Dessa vez, subjugou a língua do povo. Desfilava altiva pelas ruas, porque sabiam, dela emanava o poder, dela poderiam obter favores ou vinganças.

“O Alfredo orgulhava-se da esposa, tão despachada! As intrigas que chegavam à soleira de sua porta, creditava-as à inveja, porque todas as colegas da Norma envelheciam debruçadas nos teares das fábricas ou mofavam entediadas no fundo melancólico de um armário, ou definhavam esperando o marido com a janta na mesa.)

– E você, Carlinho, nunca mais quis casar?

Carlos acende um cigarro.

– Não, mãe... Muita amolação...

– E nesse tempo todo você... nunca mais ficou gostando de ninguém?

– Eu?

– Por que você fuma tanto assim, Carlinho?

Iconha, 12h04

(Eu trabalhava no turno da noite numa firma de autopeças em São Bernardo do Campo e reservava as tardes para cuidar das minhas coisas. Um dia, entrei numa agência do Bradesco para pagar umas contas e fisguei dois olhos negros postados à minha frente. Minhas pernas bambearam, suei frio. Gaguejando, perguntei, “A que horas termina o expediente?” Assustados, os olhos negros responderam.

Fazia frio. Eu andava de um lado para o outro da calçada esfregando as mãos, *Será que ela vai parar para falar comigo?, será que entendi direito?, será isso um sonho?* Ela chegou, eu brinquei, “Em cima da hora!”, ela retrucou, afobada, “Você me paga um café?”

Nos encontramos durante três meses, de segunda a sexta-feira. Tomávamos uma xícara de café, de pé num bar ao lado da agência, conversávamos, *sobre o quê, meu deus?, sobre o quê?*, ríamos, eu a levava até o ponto e o ônibus evanescia no meio do trânsito. Eu implorava a

Deus para que o dia seguinte brotasse logo, para eu poder domar aquela loucura que me torturava, que me matava.

Às vezes, debruçado no torno, de madrugada, me interrogava se não seria uma fantasia, se aquilo estava realmente acontecendo. Então, adentrava logo cedo pela porta do banco, caçava os olhos negros, só para ver se ela existia, se ela era real.

“Hoje eu deixo você pagar dois cafés”, ela me disse. Imaginei tratar-se de uma promessa, finalmente sairmos juntos, ir a um cinema, a um bar, caminhar à toa, sentar numa praça, tomar um sorvete, sem preocupação com o tempo, com nada... Ela esgotou a segunda xícara, falou, angustiada, “Carlos... nunca conheci ninguém tão... tão maravilhoso em toda a minha vida...” Mas o tom era sombrio, minhas pernas fraquejaram. “Eu... eu não posso mais... Carlos, eu... Antes que seja tarde... Você tem que me esquecer...” “Esquecer? Mas... Mas... eu não entendo... Por quê? Algum problema sério? A gente pode...” “Carlos, por favor... Se você me ama... não pergunte nada... Nada... Só... Promete pra mim... isso... que você vai me esquecer...” “Eu... eu... não posso fazer isso... Não posso... É impossível... Isso é uma loucura!” “Carlos, por mim...”

No dia seguinte, ela faltou ao serviço. Entrei na agência, esperei o gerente se desvencilhar de um cliente, perguntei a ele sobre uma funcionária, Patrícia, ela tinha ficado de resolver um problema para mim, “Ela se desligou do banco.” “Se desligou? Como assim?” “Não trabalha mais aqui. Posso ajudá-lo em alguma coisa?” “Mas vocês não têm um endereço? Um telefone? Nada?”

aquela a quem nunca sequer abracei
caminha comigo ao meu lado

murmura ainda em meu ouvido
miram meus olhos seus olhos negros
arde meu corpo no fogo dessa ausência

Guarapari, 13h13

Carlos acende um cigarro. Ao seu lado, a mãe dormita.

(Nélson desandou, vive de bico. Peão de obra em Belo Horizonte; camelô no Rio de Janeiro; garimpeiro no Mato Grosso; zelador em Belo Horizonte; porteiro em São Paulo; desempregado em Brasília; empacotador de supermercado no Rio de Janeiro; peão de obra em Juiz de Fora; frentista de posto de gasolina em Governador Valadares. Nunca pára em emprego algum. Volta sempre correndo para Cataguases, para os braços compreensivos da minha mãe. Ele, a mulher, os três filhos.)

Carlos estaciona no passeio da Areia Preta. Desce, mira o mar agitado, a praia vazia. Sopra uma brisa gelada.

A mãe acorda, estaca ao seu lado. Raios de sol afogam-se nas águas azuis.

– É... é uma noite longa... longa... que parece não acabar nunca... nunca...